

cama. Contudo, não suportava qualquer tipo de «porcaria». Com limites sexuais curtos, Paulo nada tinha de aventureiro do sexo.

Regressou ao hotel ainda antes da meia-noite. Ninguém nas ruas. Nem um miar de gato ou um qualquer piar agoirento. O silêncio da cidade quebrado apenas pelo bater dos tacões das suas botas no passeio. O toque-toque dos tacões parecia ecoar por todo o Lubango adormecido. Ao passar pelo prédio da Cimpor, onde a Cooperação, através de Manuela, lhe destinara um apartamento, que, aliás, nem sequer como *garçonnière* utilizava, sentiu uma imaginária máquina de filmar a persegui-lo. O protagonista de um filme. Sentiu-se um *jeune premier*, como, com um sorrisinho, o tinha considerado Pontes. Fora um dia em cheio. Ao deitar-se, afastou Kama, que roncava. E, culpado, adormeceu pensando em Iza.

*

Tortura, com adrenalina, e enterro

Na quinta-feira, em Luanda, Paulo esteve à tarde na Secretaria de Estado da Cooperação e passou a noite com Manuela, em Alvalade. Depois da atlética e escaldante fêmea Maria, a magreza de manequim de Manuela fazia-o sentir-se agarrado a um esqueleto vivo. Diana, que a tinha visto numa fotografia tirada por Manuel em Luanda, com uma brutalidade eslava e feminina muito sua, crismara-a de «manequim do Gulag ou de Buchenwald». Diana era uma dama de copas, mas também podia ser uma dama de espadas e das mais duras.

No dia seguinte, Paulo despediu-se de Manuela, que o deixou no aeroporto, onde fingiu, com sucesso, o regresso ao Lubango. Ainda a viu, ao longe, a sair do edifício, quando fez marcha atrás. Meteu-se num táxi e foi até ao Trópico, onde Kama o esperava. Almoçaram, calmamente, um *calulu* com cerveja. Não beberam uísque e deram umas

voltas pela cidade no jipão preto de Kama. Fizeram o reconhecimento ao prédio na Maianga onde o capitão assassino do MPLA tinha uma das suas primas. Duas horas depois, a dez metros do prédio, do outro lado da rua, Paulo parou a furgoneta amarela que Kama requisitara nos serviços secretos. Dentro da viatura, na parte de trás, estavam Kama e o primo Zara, um grandalhão amacacado de sorriso sinistro. Paulo largou o volante, saiu e, com o *capot* levantado, fez a fita combinada, mexendo no motor e coçando a nuca. Sabiam que o capitão era um maníaco da mecânica. Quando um mulato de olhos claros, entroncado e à civil, saiu do prédio, Paulo ouviu as duas pancadas no tejadilho da furgoneta, o sinal de que era o alvo. O capitão viu Paulo e foi ter com ele. Era mais baixo e mais forte do que Paulo.

– Problema, camarada?

– Não consigo descobrir... camarada – respondeu com a nobre palavra a custar-lhe a sair.

O capitão deu uma vista de olhos ao motor e mexeu em dois ou três componentes. Sujou as mãos com gosto. Paulo não percebeu nada do que fazia. Apesar da G3 e do curso de minas e armadilhas, que também fizera no CIC, não gostava de máquinas. Embora tivesse jeito de mãos, não tinha curiosidade, muito menos paciência para elas.

– Posso entrar?

– Claro, camarada – assentiu, custando-lhe menos a repetir a palavra.

O capitão sentou-se no lugar do condutor. Antes de ter tempo de ligar o motor, Zara passou-lhe um braço pelo pescoço e meteu-lhe um pano no nariz. Puxou-o depois para a parte de trás da viatura. Kama deu uma ajuda. Foi simples, rápido, eficiente. Quando Paulo se sentou no lugar do condutor, o capitão «já dormia como um anjinho. Só lhe faltava rressonar». Dirigiram-se para a vivenda de Kama, junto à praia. A meio da viagem, Paulo olhou para o sol que parecia afogar-se no mar. De repente, ficou noite.

O capitão foi amarrado nu de mãos e pés à cama, em estrela, no único quarto que havia na cave. A cama só tinha colchão. As paredes e a porta de ferro estavam revestidas a cortiça. A divisão, com paredes duplas que não condiziam com o resto da casa, tinha manchas de sangue seco nas paredes e no chão. Naquele quarto lúgubre, Kama, com o enfermeiro Zara, já tinha tratado da saúde a inimigos do MPLA, talvez até a netistas. Zara, tal como Kama e ao contrário da maioria dos enfermeiros admiradores do médico-Presidente, era antinetista. Paulo estava sozinho a olhar para o capitão e a pensar em duas das torturas não intrusivas da DISA que Kama lhe tinha contado. Uma delas, praticada a certos angolanos do Norte, cuja honra passava por não «mijar nas calças, como os candengues», era dar cerveja atrás de cerveja até a bexiga querer rebentar. A outra, aplicada a mulheres, consistia em «sentá-las no chão, sem cuecas, de pernas abertas e segurar uma cobra mesmo à frente da pachacha». Em ambos os casos era «pânico garantido». Mas não eram cervejas o que Kama tinha para o capitão.

Quando o capitão acordou, Paulo continuava sozinho no quarto. Abriu muito os olhos ao ver o português ali especado. Os olhos mostraram espanto, mas não medo. «Um tipo teso. Já tinha mandado para a sucata uma data de *kwachas* e nitistas.» E também a irmã de Kama.

– Então, camarada, você...

Veio-lhe o medo quando viu Zara entrar. O medo passou a terror quando, logo a seguir, apareceu Kama. O quarto ficou muito mais pequeno. Tresandava a catinga e o calor tornou-se sufocante.

– Mataste a minha irmã, filho da puta!

Deu-lhe dois fortes estalos. Kama chorava de raiva assassina.

– Dezasseis facadas, filho da puta!

Mais estalos. A seguir, murros. O capitão começou a sangrar do nariz e, depois, dos ouvidos.

– Uma facada por cada ano da Solange, filho da puta.

Kama não variava no insulto e todos suavam naquela sauna de tortura com intensíssimo cheiro a suor de preto.

– Atiraste a minha irmã para o meio das pedras perto da Baía. Meteu-lhe as mãos ao pescoço. Foi a primeira vez que Paulo olhou para as mãos de Kama. Compridas, elegantes, belas mãos. E lembrou-se de como Iza gostava das suas.

– Olha que o matas já! – alertou Paulo e Zara afastou-o do militar assassino.

Kama recompôs-se. Levantou o queixo, depois baixou-se e abriu o saco preto a tiracolo que estava a um canto. Também Paulo andava com um saco igual. Tirou do saco uma tesoura de podar. Tentou primeiro cortar o nariz ao capitão, mas o nariz era demasiado achatado, mais ainda do que o do próprio Kama. Mesmo assim conseguiu aparar-lhe a ponta. Um círculo vermelho despontou no centro do nariz castanho. Depois, cortou uma orelha. O grito do capitão fez Paulo recordar uma cena no Cachipoque, o apeadeiro da linha do caminho-de-ferro de Benguela, com um velho preto muito digno às mãos de Pardo, o seu furriel cabrito que gostava não só de matar como de torturar.

Zara pegou na orelha e pô-la num frasco de formol. Paulo lembrou-se dos frascos com orelhas e pênis que havia em algumas casernas dos comandos. Depois, Zara tirou um frasco e uma seringa do seu saco branco de enfermeiro com uma cruz vermelha. Kama cortou a segunda orelha. Outro grito. O capitão, que estava a aguentar-se bem, pareceu que ia desmaiar. Zara deu-lhe então uma injeção de adrenalina para o manter acordado. O tenebroso enfermeiro não guardou a segunda orelha no frasco. Em vez disso, pô-la em cima do peito do capitão, cheio de caracolinhos acastanhados, e saiu do quarto. Quando regressou, trazia um grande gato preto. Alargando ainda mais o sorriso medonho, Zara apresentou o animal ao capitão:

– O Puma!

O gato começou a roer a orelha. Concentrado, mastigando com vagar, percebia-se o prazer do gato com a orelha. Puma saiu do quarto «a lambar os bigodes. Só faltava ao sacanita arrotar.» O colchão cheio de sangue fresco por cima das manchas de sangue seco. Zara, com os

seus preparos esquisitos, tratou de estancar o sangue do agora capitão sem orelhas. Pôs-lhe dois pensos brancos, incrivelmente brancos naquele cenário. Kama, fechado, a remoer os próximos passos da vingança, nada dizia. Todos tinham gotas de suor a nascer e a escorrer pela cabeça e pelo corpo todo, mesmo pelas pernas.

A meio da noite, voltaram. Estava fresco. Ouviam-se as ondas a desenrolarem e a enrolarem de novo na praia. Kama pegou na grande tesoura e, com ela, tocou no encolhido e grosso pénis do capitão. Os olhos deste passaram do terror ao pavor. Kama agarrou o sexo do outro com calma, sem nojo aparente.

– Querias meter esta merda dentro da minha irmã, filho da puta?

Zara sorria. «Quantas vezes terá feito o mesmo lá pelos matos do Norte?! Ou mesmo por Luanda?!», interrogou-se Paulo.

– Sabes o que vai acontecer? Vou dar a comer ao meu cão, ao meu Tropa, o teu caralho e os teus tomates. Toda essa merda vai acabar em merda de cão.

Zara, preventivamente, injectou uma nova dose de adrenalina na veia do braço direito do capitão. Um golpe da tesoura e o sexo do capitão desligou-se parcialmente do corpo. O capitão desmaiou antes de acabar o grito. Outros dois cortes foram necessários para cortar tudo como devia ser. O eficiente Zara tratou de estancar a hemorragia.

– Podasti a piroca ao gaijo – disse Zara e Kama e Paulo quase sorriram.

Eram quatro da manhã. Foram dormir. Paulo dormiu três horas, como se fosse um pedaço de pedra. A tortura – «a poda», como dizia, sempre a sorrir, Zara, que praticamente não falava – continuou pelo sábado fora. Aliás, mais do que tortura, era justiça. E era por isso que Paulo estava ali. Considerava que «para a medonha causa, só aquele desfecho era justo. O perdão é muito bonito, mas a justiça ainda mais bonita é. Aqui até o perdão seria pecado.» Também era vingança, mas uma «vingança justa que é a melhor justiça». Para Paulo, era simplesmente «o outro lado da acção assassina do capitão, o correcto fecho do

caso». Na verdade, Paulo também sentia respeito pelo capitão. Gemeu e gritou, mas nunca pediu nada, nem sequer perdão pediu.

Kama espetou dois dedos no olho direito do capitão e o olho recuou e a pálpebra ficou côncava. Ainda fresco da guerra – onde aquilo que quem não a fez chama horror, não o é, mas, sim, simples realidade –, o tratamento dado ao militar assassino não impressionava Paulo. Reviu-se na sua atitude geral, durante as operações. Muito calmo, quase desinteressado, como se não estivesse envolvido na luta de morte que, entretanto, ocorria. «Curioso! Posso ver um tipo todo partido, ou a ser todo partido, e permanecer indiferente, mas não consigo ver uma agulha a entrar numa veia. E não só numa veia minha.» Não o impressionava o que estava a acontecer ao capitão assassino, mas começava a aborrecer-se, a ficar farto daquilo.

Com a perda de sangue, o capitão ia ficando cada vez mais seco, mais enrugado. Acabou por ficar meio engelhado, como alguns dos que Paulo tinha visto morrer com minas nos trilhos do Leste e nos fiotes do Mayombe. Mas o capitão não morria. Um duro de morrer. Kama também não o queria morto depressa e queria-o com um olho bom para que a última coisa que visse antes de morrer fosse a cara do seu matador.

Na madrugada de sábado para domingo, levaram para a sepultura o capitão ainda vivo.

– Ainda vivo. Mas um bocado... descolonizado – disse Kama, com um sorriso vingativo.

Era melhor não enterrar o capitão fora da cidade por causa dos «contróis» de fim-de-semana, muitas vezes feitos por militares bêbados ou liambados de gatilho fácil. Tinham de o baixar à terra dentro do perímetro de Luanda. O capitão foi enterrado, ainda um tanto vivo, no chão de um barraco de familiares de Zara, no Cazenga. O arame farpado do antigo CIC de Paulo ficava a uns 20 metros. Do meio da noite, vinha um som de quissanje.

Um antigo alferes dos comandos portugueses em Angola e um agente das secretas angolanas tinham enterrado um capitão das FAPLA. Paulo e Kama tinham um pacto de sangue. Para sempre.

Pouco depois, Paulo teve de accionar esse pacto.